



Professores universitários e a produção de livros universitários de Química: percepções, desafios e perspectivas

Isabela Christo Gatti (PG)^{1*}, Andreia Francisco Afonso (PQ)¹

¹Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG. *isagatti.quimica@gmail.com

Palavras-chave: química, livro universitário, professor universitário.

Introdução

Analisando as produções acadêmicas sobre os livros didáticos de química (LDQ), nota-se que as pesquisas com os livros universitários de química (LUQ) são incipientes. Contudo, os LUQs importam para o Ensino Superior tanto quanto os LDQs para a Educação Básica, pois são partes indissociáveis e constantes da formação do professor de química.

O ensino acadêmico é livresco por tradição e devido ao modo como o Ensino de Química se estabeleceu no Brasil, os livros produzidos no exterior (principalmente Europa e Estados Unidos) se tornaram referência no ensino universitário (FARIAS; NEVES; SILVA, 2006; MAAR, 2004).

Atualmente, é comum que as traduções sejam usadas como guias dos planejamentos docentes com considerável consistência. Assim, em maioria, os LUQs produzidos no exterior são introduzidos em nossa cultura científica a nível nacional, sendo considerados livros exógenos. Essa característica importa porque os LUQs incorporam, disseminam, consolidam e perenizam a cultura científica adotada em determinado momento, além de compor a formação da identidade cultural. (DAUSTER, 2001; MUNAKATA, 2016).

Antes centrado na fala do professor (SOUZA; MATE; PORTO, 2011), a partir da Reforma Universitária de 1968 o Ensino Superior de Química passa a ser mais direcionado pelos livros exógenos, dado que o mercado editorial produziu mais traduções. Mais à frente, em 2007, a expansão de vagas proporcionada pelo Reuni impulsionou a compra de mais exemplares, tornando-os mais acessíveis.

Sem contestar a qualidade dessas obras, cabe questionar a razão da incipiente produção brasileira de LUQs. Somando tantos professores capacitados – nacional e internacionalmente –, quais as razões de termos poucos LUQs escritos por autores brasileiros?

Com base nesse questionamento, apresento um recorte dos dados coletados em uma pesquisa de doutorado (em andamento) na qual foi feita uma análise qualitativa de dez questionários aplicados a professores do curso de Química das universidades federais de Minas Gerais com 20 anos ou mais de carreira na docência universitária.

Aqui analiso as respostas desses professores à seguinte pergunta: você tem vontade de escrever um livro universitário de química? Por quê? Qual seria a maior dificuldade nessa escrita?

Resultados e Discussão

Sobre a vontade de escrever um LUQ, os professores responderam da seguinte forma:

Quadro 1. Categorias das respostas.

Resposta	Motivos	Dificuldades
Não	- falta de preparo para a tarefa - convicção de que a escrita de outros tipos de livros científicos deve ser priorizada - falta de necessidade, pois já existem bons livros	- conseguir não fazer uma cópia dos livros existentes - acreditar ser difícil encontrar algo para acrescentar - falta de criatividade - falta de tempo
Sim	- contribuição para a Química e para o desenvolvimento do país.	- sobrecarga de trabalho - desvalorização do trabalho do autor - pirataria
Talvez	- compilar notas de aula em um livro - ter poucas traduções de livros que abordam o tema desejado	- falta de tempo - dificuldade com as ilustrações

Fonte: elaborado pelas autoras.

A partir das respostas pode-se perceber uma grande desmotivação para escrever LUQs, sendo o mais expressivo deles a falta de tempo devido à sobrecarga de trabalho e a crença de que há pouco para ser acrescentado. Essas falas expressam a falta de tradição brasileira na escrita desses livros, levando os professores mais experientes a acreditarem que dificilmente podem contribuir nessa área.

Considerações Finais

Cabe questionar as possíveis contribuições a serem feitas aos LUQs caso houvesse engajamento nessa escrita, como, por exemplo, a abordagem da ciência brasileira e das questões científicas vividas no país. Cabe ainda debater estímulos e estratégias para essa produção entre os docentes. Acreditamos que essa escrita pode contribuir muito para a inserção da ciência brasileira no mapa dos LUQs, tanto a nível nacional quanto internacional.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2011. 279 p. | DAUSTER, T. Os universitários: modo de vida, práticas leitoras e memória. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, p. 1-11, jul./dez. 2001 | FARIAS, R. F.; NEVES, L. S.; DA SILVA, D. D. História da Química no Brasil. Campinas, SP: Editora Átomo, 2. Ed. 2006, 81p. | MUNAKATA, K. Livro didático como índice da cultura escolar. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 119-138, set./dez. 2016 | SOUZA, K. A. F. D.; MATE, C. H.; PORTO, P. A. História do uso do livro didático universitário: o caso do instituto de química da Universidade de São Paulo. **Ciência e Educação**, v. 17, n. 4, p. 873-886, 2011.